



6º Simposio de Ensino de Graduação

COMMODITIES VERSUS INDUSTRIALIZAÇÃO: O PANORAMA BRASILEIRO NAS EXPORTAÇÕES

Autor(es)

CELSO HENRIQUE RIBEIRO CARDOSO AIMOLA

Orientador(es)

SUELI MANÇANARES LEME

1. Introdução

Os números das exportações brasileiras apresentam superávit comercial, que resulta mais de uma grande elevação dos preços dos produtos *commodities* exportados do que de um efetivo aumento da quantidade exportada (LACERDA, 2007). O aumento dos preços das *commodities* ajuda o crescimento dos números nacionais dos produtos exportados e esconde a realidade, que é a fragilidade dos números de exportação de produtos com alto valor agregado, produzidos por empresas de capital nacional.

Os valores do crescimento brasileiro são pequenos quando comparados aos dos países emergentes: apenas 3,3% em 2006 - metade da média mundial – e, apesar de substancial aumento na tonelage exportada, os valores obtidos com tal exportação mantêm-se baixos. O que se observa é aumento nas exportações de *commodities* e diminuição das exportações de produtos industrializados, sendo que em 2008, as *commodities* já respondem por mais de 60% das exportações.

Dessa forma, concorreremos sempre em condições desvantajosas com nossos compradores. Por exemplo, dados de 2007 apontam que compramos da China produtos com custo médio de US\$ 1.585,25/ton, e vendemos aos mesmos produtos com custo de US\$ 86,17/ton.(GUIMARÃES, 2007). De acordo com o mesmo autor, o Brasil importou, principalmente, circuitos integrados, ao custo de US\$ 639.241,43/ton, enquanto seu principal item de exportação foi o minério de ferro, ao custo de US\$ 25,36/ton. Guimarães ainda afirma que são necessárias 25.600 ton. de minério de ferro para comprarmos uma única ton. de circuitos integrados, necessários pra o desenvolvimento de empresas de tecnologia.

FHC, em 2000, cunhou a frase “Exportar para viver”. Lula da Silva, em 2004, bisou a idéia: “Exportar é a solução”, e embora ambos tenham acertado no diagnóstico da doença, erraram na prescrição do medicamento, pois o mundo globalizado não exige somente a solução exportadora: a questão hoje é “o *que*” exportar.

2. Objetivos

O presente artigo analisa aspectos e a influência negativa da valorização das *commodities* e dos produtos primários para a industrialização nacional. Os resultados encontrados, baseados em números e fatos, foram explanados de forma a deixar claro a necessidade de mudanças nas políticas nacionais e nos próprios

processos de planejamento estratégico das empresas.

A pesquisa bibliográfica e informações orais foram as técnicas de levantamento de dados utilizada.

3. Desenvolvimento

3- NÚMEROS NACIONAIS

O Brasil mantém-se na mesma trajetória desde o final dos anos 80: grande exportador de produtos primários e de *commodities* e pequeno exportador de produtos industrializados. Com isso, torna-se é cada vez menos expressivo no mercado mundial no quesito industrialização e em números exportados, possuindo 1,14% do valor comercializado globalmente. (A. B., 2008)

(anexo 1)

A figura 1 mostra o índice de exportação de produtos industrializados. Em 2006, somente 35% de nossas exportações foram de produtos industrializados, enquanto, no mesmo período, as exportações da Índia chegaram a 70% e da China em torno de 90%. (AE, 2007)

(anexo 2)

Conforme demonstrado na figura 2, no período que vai de 1980 a 2006, as exportações brasileiras cresceram 592,8%, enquanto a Índia cresceu 1.299,6% e a China, 5.254,3%, dados que denotam ainda mais o atraso nacional. Observamos que, em 1980, nossa produção industrial era igual à soma da produção de Índia e China, e, em 2005, a fabricação brasileira de manufaturados correspondia a apenas um oitavo da produção conjunta desses dois países (PALMA, 2007).

Paradoxalmente junto com o crescimento do número bruto das nossas exportações, percebe-se o aumento da dependência das *commodities* e dos produtos primários na balança comercial: os números apontam que, em 2006, os produtos industrializados exportados pelo Brasil corresponderam somente a 37,18%, deixando 62,82% para os produtos *commodities*. (GRANDES..., 2006)

4- BAIXO VALOR POR TONELAGEM

O grande problema dos produtos exportados pelo Brasil é seu baixo valor agregado, o que exige que o país exporte muito para comprar os bens necessários a sua sobrevivência. Tal situação se mantém mesmo com a alta nos preços das *commodities*, pois todos os produtos derivados delas também são inflacionados. Exportamos minério de ferro com valor inflacionado pela demanda mundial, e compramos produtos que utilizam aço importado, que incorporam em seu preço a inflação do minério de ferro somada ao custo de industrialização do produto final.

Assim, segundo O'Neill (2008), nosso país parece sofrer processo de desindustrialização, que poderá se tornar visível quando houver queda do valor das *commodities*. De acordo com os cálculos do autor, os preços das *commodities* deverão cair cerca de 20% em médio prazo.

5- PESQUISA

Com a aceleração da globalização, são observados dois tipos de países disputando o mercado global: um que lidera o desenvolvimento tecnológico, com altos investimentos em P&D – destaque para os EUA, a Alemanha e o Japão - e outro, que, não dispendo de tecnologia própria, importa ou se torna parceiro dos países desenvolvedores, que instalam indústrias nesses locais e passa a fazer parte do nicho de empresas que nele atuam. Nesse segundo grupo, destacamos a China e a Índia.

A estratégia brasileira na área industrial tende a competir no mercado mundial por “preço”, deixando de lado a competição por “diferenciação”, que é o mais lucrativo e que possui menos competidores. Para Negri (2005), as indústrias nacionais tendem a desenvolver somente novos processos industriais, e não produtos em si. Com isso, diminuem o custo de produção sem agregar nada de inovação ao produto e aumentam seus números de exportação para compensar a diminuição do lucro.

Rodrigues (2007) aponta, em um estudo realizado para o Banco Mundial, algumas falhas do modelo brasileiro. Dados desse estudo mostram que, "por si só, o custo Brasil não explica por que a economia brasileira não cresce mais, e de forma sustentável", pois tanto China e a Índia apresentam problemas internos em relação à infra-estrutura, burocracia e ações governamentais, mas ambos tiveram empresários que enfrentaram as situações nacionais e ajudaram seus países a crescer em produtividade e competitividades. O mesmo estudo ainda mostra que dois aspectos servem como principais freios ao desenvolvimento nacional: o baixo nível da mão-de-obra e a incompreensão dos industriais sobre o que

significa ser inovador no século XXI.

6- ROYALTIES

Um item importante para a compreensão do problema é o relatório de pagamento de *royalties*. Os países mais industrializados tendem a aumentar o percentual de pagamentos, pois produzem mais produtos cuja patente é estrangeira, enquanto a tendência dos menos desenvolvidos é diminuir esse percentual e importarem diretamente os produtos, em detrimento à produção própria.

(anexo 3)

Os números da figura 3 mostram retrocesso do Brasil: entre 2000 e 2004 os valores de *royalties* pagos caíram de U\$ 1,4 bi para U\$ 1,2 bi, enquanto que, no mesmo período, os da China aumentaram de U\$ 1,2 bi para U\$ 4,5 bi (OMC, 2006).

Além de importar pouca tecnologia, as pesquisas em P&D nacionais são pequenas em relação ao resto dos países desenvolvidos. Dados da *Organización Mundial de la Propiedad Intelectual* (FINEP, 2002), mostram que, entre 2000 e 2005, o Brasil aumentou seus pedidos de patente nos EUA em aproximadamente 33%, enquanto a China aumentou em 1075% e a Coreia em 300%.

Dessa forma, para a pergunta: há saída para esse problema que parece ser intrínseco à exportação nacional?

A resposta é: há!

7- EMBRAER

A Embraer é a líder mundial na fabricação de jatos comerciais de até 120 assentos, uma das maiores exportadoras brasileiras e a 3º maior fabricante de jatos comerciais do mundo (EMBRAER, 2007). O seu crescimento no mercado mundial demonstra a possibilidade de assumirmos um papel preponderante nas exportações, exportando tecnologia e valor agregado. Além disso, sua criação é um bom exemplo de política industrial focada em P&D, que criou uma tecnologia única no país. Mesmo oriunda de projetos militares, vale frisar que, na época do lançamento da empresa, não possuíamos nem mesmo tecnologia para o desenvolvimento de automóveis 100% nacionais, e essa empresa foi lançada sem nenhuma vantagem competitiva preexistente, como recursos naturais, engenheiros qualificados e cientistas aeronáuticos.

Segundo Silva (2007), foram investidos na criação da Embraer, aproximadamente, U\$ 5 milhões, sendo que ela gera hoje, por ano, mais de U\$ 306 milhões de lucro, além de ser a única empresa nacional líder mundial num mercado de alta tecnologia, não disputando clientes se baseando em preço, e sim em inovações.

4. Resultado e Discussão

O presente artigo é o primeiro de uma série, que somados ao primeiro trarão os resultados obtidos e possibilitarão as discussões necessárias.

5. Considerações Finais

Ao observarmos os dados apresentados, se torna claro que não adianta reforçarmos nossa infra-estrutura exportadora se continuarmos a exportar produtos com baixo valor, pois basear nossas exportações em produtos primários é errar três vezes: 1º) porque já passamos por ciclos da cana-de-açúcar, de café do Sudeste entre outros, e sempre nossos ciclos se fecham de maneiras abruptas e negativas para a região atingida e para o país como um todo; 2º) todos os estudos demonstram a fragilidade desse novo ciclo de crescimento mundial, e nossa independência internacional não pode ser atrelada à economia chinesa: quanto muito pode usufruir dela em seu proveito e 3º) somos o país que menos cresceu nos últimos anos e temos uma oportunidade única de crescimento, com o aumento da demanda por produtos primários e *commodities*.

Assim, saber capitalizar essa vantagem e sair desse processo mais fortes do que entramos é o passo primordial rumo à construção de uma grande nação, e pela primeira vez na história somamos mecanismos para conseguir dar esse passo. Precisamos deixar de sermos os maiores exportadores de minério de ferro e nos tornarmos os maiores exportadores de aço, por exemplo, algo viável ao país, desde que haja vontade

política, seriedade administrativa e determinação no cumprimento de metas e planos, o aproveitando da facilidade de recursos internacionais e a criação de indústrias e pólos de tecnologia.

Não pregamos aqui o final das exportações das *commodities* e de produtos primários, mas acreditamos que devemos fincar nossas bandeiras nos mercados internacionais de *commodities* nos quais somos líderes, manter nossos mercados consumidores para produtos de baixo valor e baixa tecnologia, e, ao mesmo tempo, aumentar nossos investimentos em educação e em P&D, privilegiando o direcionamento dos recursos às indústrias de produção de tecnologia em detrimento dos exportadores de *commodities*, para que tenhamos, assim, uma gama ampla de produtos para exportação e, com isso, diminuirmos a dependência de um único tipo de mercado.

Além disso, investimentos em educação e o apoio ao empreendedor são medidas urgentes para que um dia passemos a ser um país com importância estratégica no mercado mundial e para que abandonemos o eterno rótulo de “país do futuro”, nos tornando o país do presente.

Referências Bibliográficas

- AGÊNCIA FAPESP. **Emergentes e inovadores**. 12 nov. 2007. Disponível em: . Acesso em: 5 dez. 2007. 23h15'
- Agencia estado. **Brasil exporta menos que China, Índia e Rússia**. 5 nov. 2007. Disponível em: . Acesso em: 12 dez. 2007. 16h14'.
- BETTING, G. Frota mundial:um panorama completo. **Jetsite**. Dez. 2006. Disponível em: . Acesso em: 16 dez. 2007. 12h12'.
- brasil. ministério da Ciência e Tecnologia. **Brasil precisa aumentar número de patentes em tecnologia**. Brasília: Governo Federal, set. 2007.
- Chineses avançam na área de alta tecnologia. 24 ago. 2006. **Valor Econômico**. Disponível em: . Acesso em: 1 dez.2007. 23h21'.
- Companhia Docas do Estado de São Paulo. assessoria de comunicação social. **Brasil irá priorizar exportação com maior valor agregado**. <http://www.portodesantos.com/cgi-local/imprensa/mostrar.pl?20214.dat>> .Acesso em: 14 nov. 2007. 23h10'.Disponível em: <
- EMBRAER. **Embraer em números**. nov.2007. Disponível em: . Acesso em: 17 dez. 2007. 12h36'.
- GANHAR valor agregado é o desafio da exportação. **Gazeta Mercantil**, 4 jul. 2005. Disponível em: < <http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe.jsp?id=29497>>. Acesso em: 13 nov. 2007. 8h59'.
- INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-ECONÔMICOS. **Exportação brasileira de commodities tem maior nível desde 86**. Brasília, DF, 2008.
- INOVAÇÃO UNICAMP: **Padrões tecnológicos e de comércio exterior das firmas brasileiras**. 16 jun. 2005.Disponível em: <http://www.inovacao.unicamp.br/report/estudos-fernanda.shtml>> . Acesso em: 12 dez. 2007. 01h30'
- INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO. Comércio Externo da China: Efeitos Sobre as Exportações Brasileiras.In: **Diplomacia e Negócios**. 18 jul. 2006. Disponível em: . Acesso em: 15 nov. 2007. 11h50'
- LACERDA, A.C. A estagnação das exportações brasileiras. **Terra Magazine**, 1 fev. 2007. Disponível em . Acesso em: 15 nov. 2007. 11h05'.
- _____ Exportações brasileiras e o mercado mundial. **Terra Magazine**, 7 jun. 2007. Disponível em < <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1671938-EI7095,00.html>>. Acesso em: 15 nov. 2007. 11h20'.
- LAMUCCI, S. Indústria do Brasil encolhe frente aos emergentes. **Valor Econômico**, 19 jun. 2007, disponível em . Acesso em 16 dez 2007. 15h37'.
- GRANDA, A. Nova política industrial eleva participação do Brasil nas exportações globais. **Instituto de estudos Sócio-Econômicos**, 16 abr. 2008. Disponível em <

<http://www.inesc.org.br/noticias/noticias-gerais/2008/abril/nova-politica-industrial-eleva-participacao-do-brasil-nas-ex>
. Acesso em 15 jun. 2008, 23h21'.

RAUPP, M. A. Carreira de C&T: por uma nova tabela salarial à altura de suas responsabilidades. **Jornal da Ciência**. 1 ago. 2007. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2007. 23h34'.

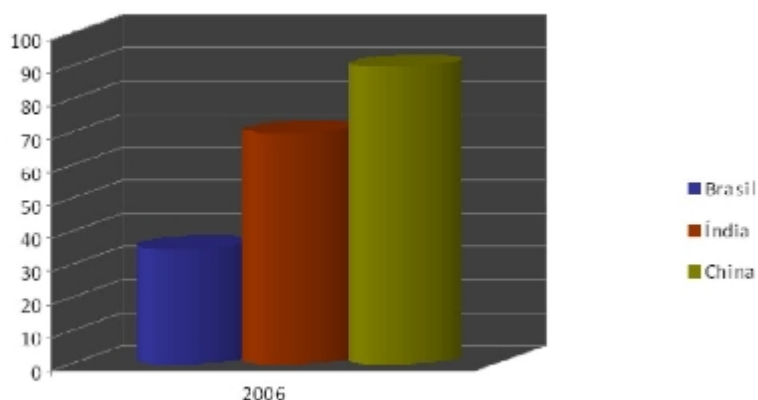
SANTOS, A.O dos. Política industrial: A vanguarda improvável. **Jornal da Ciência**, 12 nov. 2007. Disponível em . Acesso em: 15 nov. 2007. 8h55'.

SIQUEIRA, E. A mágica e o mágico. **Veja**. São Paulo. Abril. 1991, 17 jan. 2007.

TROUT, J. **Diferenciar ou morrer**: sobrevivendo em uma era de competição mortal. Tradução Eduardo Lassere. São Paulo: Futura, 2000. 237p.

Anexos

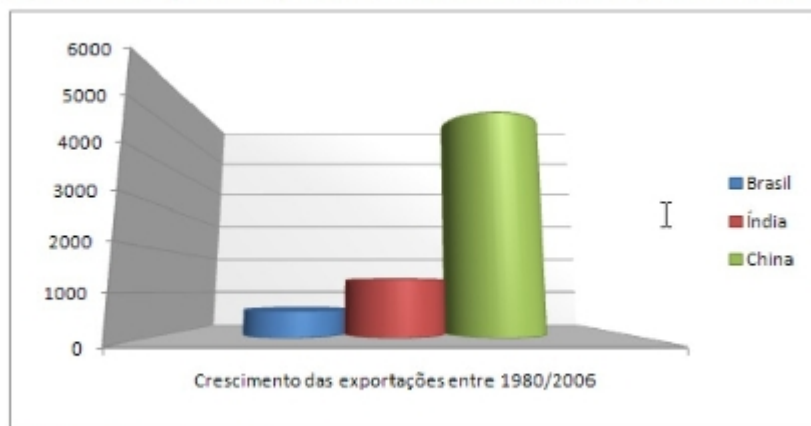
1- Percentual de produtos manufaturados exportados em 2006.



Dados: BRASIL... , 2007. Gráfico: do autor.

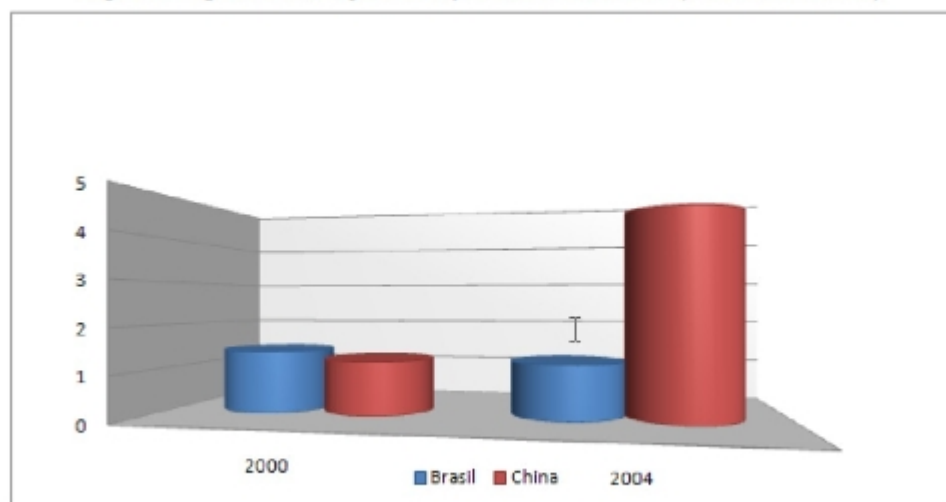
I

2- Crescimento das exportações brasileiras, indianas e chinesas, no período de 1980 a 2006.



Dados: BRASIL..., 2007. Gráfico: do autor.

Figura 3- Pagamento de royalties no período de 2000/2004. (em bilhões de US\$)



Fonte: CHINESES..., 2006. Gráfico: do autor.